

A segmentação da letra “a” na aquisição da escrita

(The segmentation of the letter ‘a’ during the acquisition of writing skills)

Cristiane Carneiro Capristano¹, Taynara Alcântara Cangussú²

¹Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual de Maringá (UEM)

²Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual de Maringá (UEM)

capristano1@yahoo.com.br, tay.nara.alcantara@hotmail.com

Abstract: Children who are acquiring writing skills oscillate between conventional and non-conventional spellings, when they need to spell the letter ‘a’, predominantly in two specific contexts: when said letter appears in the beginning of a word or when it works as a definite article in nouns phrases. Assuming that this oscillation suggests uncertainties about how to spell the orthographic word, in this research paper, the goal was to investigate, on two children’s journey, which linguistics aspects would be determining the emergence of the non-conventional segmentations involving the letter ‘a’. We used a corpus consisting of 101 textual productions that were written by these two children throughout four years. The analysis showed that syntactic, semantic, morphological and phonological aspects all contribute to the emergence of non-conventional segmentations involving the letter ‘a’.

Keyword: Acquisition of Writing Skills; Orthography; Segmentation.

Resumo: Crianças em aquisição da escrita oscilam entre o convencional e o não convencional em momentos nos quais precisam registrar a letra “a”, principalmente, em dois contextos específicos: quando essa letra aparece em início de palavra ou quando funciona como artigo definido em sintagmas nominais. Supondo que essa oscilação indicia dúvidas sobre como segmentar a palavra ortográfica, neste artigo, o objetivo foi investigar, na trajetória de duas crianças, quais seriam os fatores linguísticos determinantes do aparecimento das segmentações não convencionais envolvendo a letra “a”. Utilizamos um *corpus* de 101 produções textuais elaboradas por essas duas crianças, durante quatro anos. A análise permitiu observar que fatores sintáticos, semânticos, morfológicos e fonológicos atuam conjuntamente para a emergência de segmentações não convencionais envolvendo a letra “a”.

Palavras-chave: Aquisição da Escrita; Ortografia; Segmentação.

Introdução

Em trabalho anterior (CAPRISTANO; CANGUSSÚ, 2012), em análise de segmentações não convencionais na escrita infantil, observamos que, quando crianças se confrontam com a necessidade de registrar a letra “a”, especialmente quando essa letra atua como sílaba inicial de palavras ou como artigo definido, elas oscilam entre segmentar convencionalmente ou não. Ou seja, quando grafam palavras iniciadas com a letra “a”, ora escrevem da maneira prevista pelas convenções, como em “amor”, ora isolam a letra “a” do restante da palavra, formando uma *hipersegmentação*, por exemplo, em “a marelo” (amarelo). Já quando precisam grafar um sintagma nominal formado por um artigo definido feminino e um substantivo, às vezes, também escrevem convencionalmente, como em “a menina” e, às vezes, juntam o artigo “a” à palavra adjacente, formando uma *hipossegmentação*, como, por exemplo, em “amoça” (a moça).¹

¹ Nos resultados desse trabalho não foi encontrado nenhum caso de segmentação não convencional envolvendo a letra “a” no interior de uma palavra, como, por exemplo, em “am a relo” ou em final de

Essas observações suscitaram o levantamento da seguinte questão: quais fatores linguísticos estariam determinando a existência desse tipo de oscilação? Em busca de respostas a essa pergunta, neste artigo, temos como objetivo mais geral investigar quais seriam os fatores linguísticos determinantes do aparecimento de segmentações não convencionais envolvendo a letra “a”, presentes em produções textuais de duas crianças. Secundariamente, observamos, também, a existência de diferenças e/ou de semelhanças no modo como essas duas crianças lidam com a delimitação da letra “a” nos contextos supramencionados.

Para cumprir esses objetivos, fazemos uma análise quanti-qualitativa de marcas de segmentação que envolvem a letra “a” presentes em 101 produções textuais de duas crianças, recolhidas ao longo de quatro anos.² Dessas 101, 49 foram produzidas pela criança referida doravante de “sujeito 4” e 51 pelo “sujeito 22”.

Na próxima seção, apresentam-se algumas características da letra “a” quando ocorre nos contextos aqui considerados. Nessa apresentação, não se pretende esgotar todas as possibilidades de funcionamento dessa letra, mas, tão somente, mostrar algumas características tidas como relevantes para a análise das segmentações não convencionais encontradas em nosso *corpus*.

A letra “a” como letra inicial de palavras e como artigo definido em sintagmas nominais

Quando ocorre como parte inicial de palavras, a letra “a”, fonologicamente, pode representar: uma sílaba tônica simples (como em *átomo, água, aves*,) ou uma pretônica (como em *abacaxi, agora, amor*), o núcleo de sílaba complexa tônica (como em *anta, árvore*) ou, ainda, núcleo de sílaba complexa átona, em posição pretônica (como em *antigo, aspecto*). Do ponto de vista *morfológico* e *semântico*, a letra “a” pode aparecer na parte inicial de verbos (como em *arrumar, alcançar, andar*), substantivos (como em *amor, antena, armários*), adjetivos (como em *adorável, ambicioso*) e advérbios (*antes, aqui, agora*). No plano morfossintático, eventualmente, a letra “a” pode funcionar como um *prefixo*, exprimindo diferentes noções (negação e adjunção, por exemplo, como em *amoral, acéfalo, acebolado, afivelado*).

Além de ser bastante produtiva no contexto inicial de palavras, ela é muito funcional quando atua autonomamente no interior de sintagmas nominais. Nesse caso, ela deixa de ser sílaba ou parte de sílaba de uma palavra e passa a exercer o papel de artigo definido feminino. Por ser uma palavra gramatical, esse artigo só ganha significação quando se insere em um contexto linguístico. Se sozinho, o “a” é apenas uma letra, mas, se inserido em um sintagma nominal, funciona como artigo definido e assume diversas características próprias dessa função. Tais características envolvem diferentes planos da linguagem.

palavra, como em “boc a”, contextos nos quais a hipersegmentação geraria a ruptura de uma sílaba. Além disso, foram identificadas poucas hipossegmentações envolvendo a letra “a” entre duas ou mais palavras, como em “acabarcomabagunça”. Esses dados, sozinhos, já são bastante expressivos, uma vez que mostram que não é em qualquer contexto que a criança hipersegmenta ou hipossegmenta a letra “a”.

² Essas produções pertencem aos grupos de pesquisa (CNPq) Estudos sobre a linguagem e (CNPq) Estudos sobre a escrita e foram elaboradas, quinzenalmente, ao longo de quatro anos, por crianças que cursavam as antigas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries, entre os anos de 2001 e 2004.

No plano *morfológico*, segundo Câmara Júnior (1970, p. 59), o artigo “a” é um morfema que representa uma palavra portadora de informações a respeito de gênero e número do substantivo que determina (gênero feminino e número singular). Do ponto de vista *semântico* – intimamente ligado ao mórfico –, esse mesmo autor afirma que “enquanto o gênero masculino é uma forma não marcada, o feminino indica uma especialização qualquer (jarra é uma espécie de <<jarro>>, barca um tipo de <<barco>> etc.)” (CÂMARA JR., 1970, p. 88). Nessas palavras, o autor atenta para a principal diferença entre o *artigo definido feminino* e o *masculino*: o peso semântico da particularidade que está embutida no gênero feminino.

No que diz respeito à relação que o artigo definido estabelece com os substantivos – plano *sintático* –, Câmara Júnior enfatiza que esse artigo tem a função essencial de “tornar definido um ser determinado, que sem ele fica indefinido” (CÂMARA JR., 1970, p. 122). Em “a blusa sua e a minha”, por exemplo, “a partícula *a* está na sua função essencial de artigo definido, de forma que, tanto a sua blusa quanto a minha estão individualizadas para quem fala e para quem ouve” (CÂMARA JR., 1970, p. 122). De acordo com Alencar (2006, p. 6), o fato de a função do artigo definido ser a de determinar o substantivo, tornando o sentido deste individualizado, “é ponto pacífico entre os gramáticos”.

No que diz respeito ao plano *fonológico*, por fim, a letra “a”, funcionando como artigo definido, tem as características fonológicas do grupo ao qual também diversos outros monossílabos estão inseridos: o dos clíticos. Os clíticos, estudados por diversos autores, como Bisol (2005), Nespor e Vogel (1986), Peperkamp (1996), Toneli (2009), dentre outros, são definidos como elementos que “compreendem a grande parte das chamadas palavras funcionais” e são “formas dependentes, que não têm acento [...]; apoiam-se, portanto, no acento da palavra seguinte ou precedente” (BISOL, 2005, p. 163).³ No caso do artigo definido, esse apoio recai convencionalmente somente à direita, uma vez que, ao contrário dos pronomes (lhe, os, a, etc.), eles não são móveis; aparecem, portanto, somente em posição proclítica.

De acordo com Nespor e Vogel (1986, p. 149), por serem destituídos de acento, “os clíticos nunca devem ocorrer sozinhos; isto é, eles não devem ser o único elemento de um enunciado” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 149, tradução nossa). Ocorrem, portanto, sempre junto a algum outro componente fonológico, nomeado como “hospedeiro”. A relação entre o clítico e seu hospedeiro tem sido objeto de discussão na literatura, pois, enquanto alguns autores (dentre eles, PEPERKAMP, 1996) defendem que ele funcionaria como parte da palavra na qual se hospeda, outros (dentre eles, BISOL, 2005; NESPOR; VOGEL, 1986) refutam essa hipótese alegando que, apesar de não possuir acento, em alguns casos, os clíticos têm comportamento de palavras lexicais e, por isso, não é possível considerá-los apenas como parte de palavras. Por esse motivo, os defensores dessa última tese preferem entender o clítico como parte de um grupo prosódico chamado “grupo clítico”, o qual engloba o clítico e a palavra lexical que o hospeda – cf. mais detalhes adiante.

Por fim, junto com esses aspectos linguísticos, a história das relações que as crianças mantêm com a letra “a” também pode ser fator importante para a tomada de decisões sobre como segmentar essa letra (a primeira letra do alfabeto!) nos contextos aqui examinados. Tal história é construída a partir da imersão dessas crianças em práticas sociais

³ O artigo “a” – assim como outros monossílabos – pode receber acento frasal quando atuar como foco do enunciado em que aparece. Em nosso corpus, não encontramos nenhum dado com esse funcionamento.

orais e letradas de uso da linguagem. Embora saibamos que, desde bem pequenas, as crianças já estejam imersas nessas práticas, é também de nosso conhecimento que, quando entram na escola, elas se intensificam. Assim, acreditamos que, apesar de as crianças já entrarem na escola com certo grau de conhecimento sobre a escrita, e, mais singularmente, sobre o funcionamento da letra “a”, o trabalho da escola, em especial com a prática de alfabetização – uma das diversas formas que o letramento pode assumir –, atua diretamente no avanço de sua trajetória como escrevente e, por conseguinte, no modo como essas crianças se relacionam com cada aspecto da linguagem.

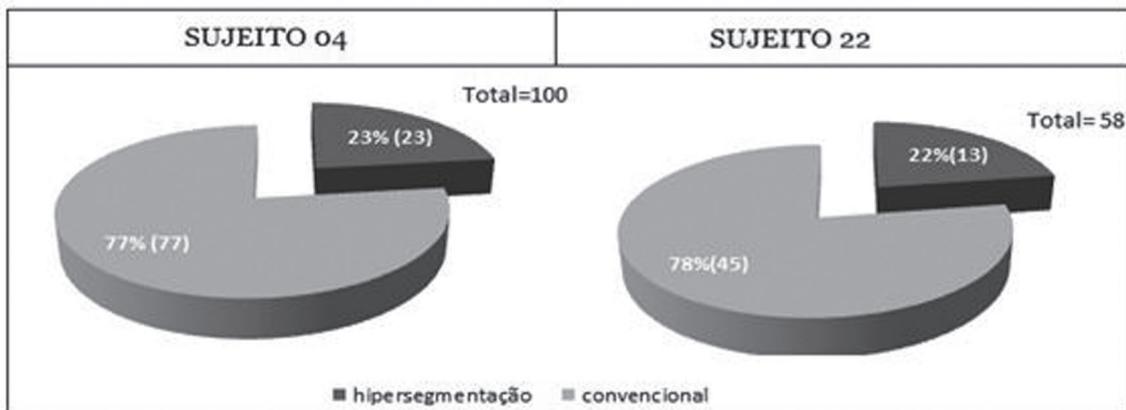
Resultados e discussões

Com a finalidade de organizar melhor nossos resultados, primeiramente, apresentamos os referentes ao primeiro contexto (de palavras iniciadas com a letra “a”) e, em seguida, os referentes ao segundo (quando a letra “a” exerce o papel de artigo definido no interior do sintagma nominal).

Palavras iniciadas com a letra “a”

Para a análise, foi feito, em um primeiro momento, um levantamento quantitativo do contexto considerado. Nesse levantamento, chegamos a um total de 163 palavras iniciadas com a letra “a” nas produções do sujeito 4 e 58 nas do sujeito 22. Durante a análise, observamos que, das 163 encontradas nas produções do sujeito 04, 63 eram referentes à palavra “aí”. Acreditando que essa quantidade acentuada de “aí” pudesse causar distorções nos resultados quantitativos, optamos por desconsiderá-la. Por não termos encontrado o mesmo fenômeno nas produções do sujeito 22, mantivemos o total de 58.⁴ Após a exclusão dos “aís” presentes nos dados do sujeito 04, chegamos ao seguinte resultado:

Gráfico1. Resultado da quantidade de palavras iniciadas com a letra “a” nas produções dos dois sujeitos



⁴ Apesar de termos encontrado também quatro ocorrências de “aí” nas produções do sujeito 22, optamos por não excluí-las, já que essas quatro ocorrências representavam apenas 6,9% do total, quantidade de repetições que consideramos razoável quando comparada com outras ocorrências repetidas (como a da palavra “amigo” que apareceu 5 vezes).

Por meio da comparação dos números apresentados no gráfico acima, é possível observar que houve uma similaridade percentual nos resultados dos dois sujeitos. Essa proximidade já nos leva a considerar a hipótese de que as crianças, em geral, tenderiam a hipersegmentar mais ou menos o mesmo percentual de palavras iniciadas com a letra “a” ao longo dos quatro primeiros anos de seu contato escolar mais sistematizado com a escrita.⁵

Além disso, nesse gráfico, observa-se também que, em ambos os casos, as crianças acertaram muito mais do que erraram, uma vez que a quantidade de hipersegmentações foi muito menor do que a de segmentações convencionais. Isso nos permite supor que, apesar de haver fatores que favorecem as hipersegmentações, esses fatores atuam de maneira esporádica, ou seja, não seriam tão recorrentes ao ponto de acontecer na maioria das vezes em que as crianças grafam palavras iniciadas com a letra “a”.

O fato de acontecerem em menor quantidade não exclui, contudo, sua relevância. Acreditamos, ao contrário, que o “menos regular”, “idiossincrático”, “singular” tem grande relevância para os estudos sobre a linguagem (ABAURRE; FIAD; MAYRINK-SABINSON, 2013, p. 83). É por esse motivo que investimos no levantamento de hipóteses sobre os fatores determinantes do aparecimento das hipersegmentações aqui averiguadas. Esses fatores, como mencionado, dividem-se entre: *sintático*, *semântico*, *morfológico* e *fonológico*.

Com relação aos *sintáticos*, buscamos averiguar se haveria a possibilidade de a criança isolar a letra “a” do restante da palavra em que aparece com a intenção de tornar definida essa palavra. Assim, ao analisarmos uma ocorrência em um contexto como “eu sou muito a miga de você”, por exemplo, indagávamos a possibilidade de a letra “a”, isolada por espaços em branco pela criança, poder funcionar como um artigo. No entanto, durante essa análise, essa hipótese não se confirmou, tendo em vista que, assim como ocorre nesse exemplo, em todos os outros, a presença do artigo tornaria a frase agramatical (eu sou muito a amiga de você). Logo, consideramos que os aspectos sintáticos não tiveram influência relevante para a emergência dessas hipersegmentações.

Feito isso, passamos a considerar o aspecto *semântico*. A esse respeito, prevemos que o fator semântico atuante em favor das ocorrências seria aquele que confere à letra “a” a carga de significação que ela recebe para se estabelecer como uma palavra da língua, tendo em vista que, quando a criança reconhece uma estrutura linguística como uma unidade digna de ser delimitada por brancos, possivelmente, é também porque ela atribui algum sentido para essa dada estrutura. É por essa razão que pressupomos que esse fator é significativo para a emergência de todas as hipersegmentações encontradas em nosso *corpus*, já que, ao isolar a letra “a” de forma não convencional, os escreventes parecem sinalizar que reconhecem (inconscientemente) que essa letra pode ter/fazer sentido sozinha e, por isso, merece ser limitada por brancos. Tal reconhecimento é provavelmente estabelecido pela relação homonímica dessa letra isolada com o artigo definido “a”. Em alguns casos, esse fator pareceu mais fortemente atuante. Segue um exemplo representativo, em que a criança registra a palavra *apareceu*:

⁵ Como adiantado, o *corpus* deste trabalho foi coletado entre 2001 e 2004. À época, ainda vigorava o sistema de séries, portanto, os quatro primeiros anos correspondem às antigas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries do ensino fundamental I.

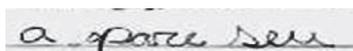


Figura 1. Exemplo representativo da atuação semântica

Nesse dado, houve dois momentos de rupturas não convencionais que geraram três porções separadas por espaços em branco: “a”, “pare” e “seu”. O fato de todas as três corresponderem a palavras que compõem o léxico da Língua Portuguesa nos leva a reforçar a hipótese levantada acima, pois as rupturas propostas pela criança parecem ter sido motivadas por algum reconhecimento de que as porções que emergem dessas rupturas representam palavras, ou ainda, unidades que merecem ser limitadas por brancos. Esse reconhecimento é provavelmente resultado da circulação do sujeito escrevente por práticas sociais (orais e letradas) de uso da linguagem. Por causa dessa circulação, o sujeito pode ter interpretado, inconscientemente, a palavra “apareceu” (verbo *aparecer* conjugado no pretérito perfeito) como um conjunto formado por “a” (artigo feminino singular), “pare” (verbo *parar* conjugado no imperativo) e, por fim, “ceu” (pronome possessivo *seu*).

Embora o aspecto semântico tenha papel importante, ao longo de nossa análise, notamos que os aspectos *fonológicos* e *morfológicos* pareciam ser os que participavam de forma mais acentuada em favor do aparecimento de hipersegmentações.

No que diz respeito ao aspecto *fonológico*, vale dizer que, para fazer análise, nosso olhar voltou-se, em alguns momentos, sobretudo para a estrutura restante da hipersegmentação. Ou seja, em uma hipersegmentação como “a mor”, por exemplo, investigamos se algum aspecto fonológico estaria envolvido na estrutura “mor”. Outras vezes, nosso olhar voltou-se para toda a palavra, considerando não só a estrutura restante, mas também o valor fonológico do “a” nessa estrutura.

Observando, sobretudo, a estrutura restante, verificamos que grande parte dessas estruturas coincidia com os limites de pé⁶ cf. hipersegmentações apresentadas no Quadro 1. Das 23 referentes às hipersegmentações encontradas nas produções do sujeito 04, dez (43,5%) coincidiram com os limites de pé, sendo cinco troqueus (por exemplo, a **BER**ta) e cinco iambos (por exemplo, a ta**COU**). Já das 13 referentes às encontradas nas produções do sujeito 22, nove (76,9%) apresentaram essa correspondência, sendo seis troqueus e três iâmbicos. Esse resultado coaduna-se com os achados de Chacon (2005) e colocam em evidência o papel da organização prosódica da linguagem, em especial do pé, para a constituição da escrita das crianças e, mais particularmente, para o aparecimento de hipersegmentações envolvendo a letra “a”.

⁶ Segundo Bisol (2005, p. 246), o pé resulta da “combinação de duas ou mais sílabas em que se estabelece uma relação de dominância de modo que uma delas é o cabeça e a outra, ou outras, o recessivo”. A palavra “casa”, por exemplo, é formada por um pé, pois se constitui de uma sílaba forte (cabeça) /ka/, que contrasta com uma fraca /za/ (recessiva). Essa autora postula a existência de uma grande variedade de pés. Para este trabalho, no entanto, interessa-nos destacar apenas os que consideramos principais. São eles: o troqueu e o iambo. O primeiro é, segundo ela, o mais comum no Português Brasileiro e se caracteriza como um “constituente com proeminência inicial”, em que o elemento mais forte fica à direita, por exemplo: CAro. O segundo, por sua vez, “possui proeminência final e mantém o elemento mais forte à esquerda” (BISOL, 2005, p. 246), como acontece em aMOR.

Quadro 1. Estruturas coincidentes com os limites de pés troqueus e iâmbicos nas produções de ambos os sujeitos

Sujeito 04		Sujeito 22	
Troqueu	Iâmbico	Troqueu	Iâmbico
a rea (areia)	a cetiu (assítuu)	a miga	a tenção
a rea (areia)	a seitar	a migo	a tenção
a rea (areia)	a legria	a ceita	a cabou
a gora	a tacou	a ceita	-
a berta	a cabou	a migo	-
-	-	a quela	-
T = 5	T = 5	T = 6	T = 3

A análise de hipersegmentações envolvendo a letra “a” também permitiu observar que os limites de pé não atuam sozinhos, mas sim, em muitos casos, em harmonia com a posição do acento primário. Nesses casos, a sílaba tônica aparece no local da ruptura não convencional proposta pelo escrevente logo após o “a”. Das 36 hipersegmentações encontradas, 17 (47,2%) tinham esse funcionamento, dez nas hiper do sujeito 04 e sete nas do sujeito 22. Seguem, no quadro abaixo, os dados em que isso acontece:

Quadro 2. Dados referentes à mudança de pauta acentual

Sujeito 04		Sujeito 22	
A reia (areia)	_ / _	A migo (amiga)	_ / _
A reia (areia)	_ / _	A migo (amigo)	_ / _
A reia (areia)	_ / _	A ceita (aceita)	_ / _
A xou (achou)	_ / _	A ceita (aceita)	_ / _
A xou (achou)	_ / _	A migo (amigo)	_ / _
A xou (achou)	_ / _	A í (aí)	_ / _
A xou (achou)	_ / _	A quela	_ / _
A xou (achou)	_ / _		
A gora (agora)	_ / _		
A berta (aberta)	_ / _		
T = 10		T = 7	

Nas palavras apresentadas nesse quadro, o acento mais forte (sílabas tônicas) recai na antepenúltima sílaba da palavra. Esse acento é assinalado por Câmara Júnior (1970, p. 63) como sendo de pauta acentual 3. Em contraste com essa pauta, o autor postula a pauta acentual 1, para designar as sílabas pretônicas e a 0 para designar as sílabas postônicas, pois, segundo ele, “as sílabas pretônicas, antes do acento, são menos débeis do que as postônicas”.

Não fazendo distinção entre pretônicas e postônicas, nas tabelas acima, utilizamos o “_” para simbolizar todas as sílabas que não recebiam a pauta 3 e “/” para os que recebem pauta 3. Desse modo, por meio da análise da alternância entre sílabas tônicas e não

tônicas, é possível notar que todas as rupturas entre a letra “a” e a estrutura restante se deram nos limites da alternância entre a pauta 1 e a 3, fato este que nos leva a supor que essa alternância entre pautas acentuais seria um dos fatores determinantes dessas rupturas.

Considerando não só a estrutura restante, mas também o valor fonológico do “a” nessa estrutura, é possível averiguar que também o acento secundário foi fator relevante para a emergência das hipersegmentações envolvendo a letra “a”. Esse acento é entendido como o “acento com menor proeminência do que o acento primário (KELLER, 2004, p. 41)”. Para Keller (2004, p. 41), “não ocorrem sequências internas [à palavra] de duas ou mais sílabas desacentuadas, nem sequências de sílabas acentuadas (exceto em caso de palavras compostas)”. É necessário que haja, pois, sempre uma “alternância entre sílaba acentuada e não acentuada” (KELLER, 2004, p. 41). Grosso modo, pode-se dizer que, no nível da palavra, essa alternância pode se dar entre uma sílaba de acento primário (sílaba tônica) e outra desacentuada ou entre uma de acento secundário e uma desacentuada.

Com base nesses pressupostos, observamos que, muitas vezes, as hipersegmentações envolvendo a letra “a” parecem emergir em função da atuação desse acento. Da quantidade de hipersegmentações encontradas (36), 41,7% (15) tinham esse funcionamento, sendo 11 referente às hiper do sujeito 04 e quatro às do sujeito 22). Vejamos os casos a seguir (o acento secundário é representado no quadro abaixo pelo sinal “* _/”):

Quadro 3. Dados referentes ao “a” portando acento secundário

Sujeito 22				Sujeito 4	
A cetiu	* _/	A cidente	* _/	A tenção	* _/
A cidente	* _/	A sasino	* _/	A tenção	* _/
A contece	* _/	A sasino	* _/	A cabar	* _/
A contece	* _/	A tacou	* _/	A cabou	* _/
A ceitar	* _/	A cabou	* _/		
A legria	* _/				
T = 11				T = 4	

Nas hipersegmentações presentes nesse quadro, observa-se que as rupturas não convencionais ocorrem no momento de uma alternância entre sílaba portadora de acento secundário e sílaba não acentuada. Essa alternância, a nosso ver, permite supor que essa força fonológica de acento secundário, adquirida pela letra “a” no contexto da palavra, atribuiria a ela certa autonomia fonológica para a qual a criança pode ter estado sensível, podendo ser esse um fator determinante das hipersegmentações.

Também houve alguns casos em que o acento secundário recaiu justamente na sílaba posterior à letra “a”. Da quantidade de hipersegmentações encontradas, 13% (3) tinham esse funcionamento, uma nas hiper do sujeito 04 e duas nas do sujeito 22): São os que seguem:

Quadro 4. Dados em que o acento secundário recai sob a sílaba posterior ao “a”

Sujeito 4		Sujeito 22	
A conteceu	_ * _ /	A pareceu	_ * _ /
		A nizersario	_ * _ /

Após considerar o aspecto fonológico, passamos a averiguar a possível influência de aspectos morfológicos. Nessa análise, surpreendeu-nos o fato de a maioria das hipersegmentações analisadas serem verbos. Nas produções do sujeito 4, de um total de 29 verbos iniciados com a letra “a”, 12 (41,4%) estavam hipersegmentados. Esses números, aparentemente inócuos em um primeiro momento, tornam-se bastante relevantes quando comparados com os referentes à quantidade de substantivos iniciados com a letra “a” encontrados nas produções desse sujeito, tendo em vista que, de um total de 42 substantivos, apenas seis (13,9%) foram hipersegmentados.

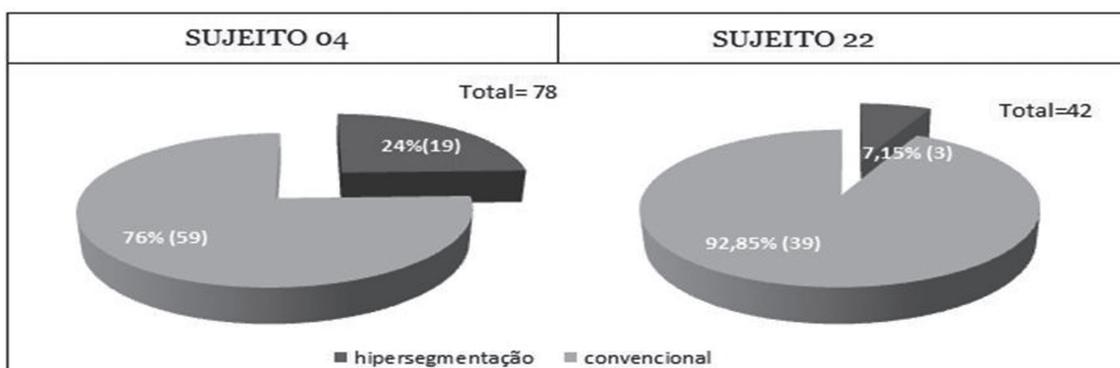
Um resultado bastante semelhante foi encontrado nas produções do sujeito 22, posto que, de um total de 13 verbos iniciados com a letra “a”, cinco (38,5%) foram hipersegmentados. Já quanto aos substantivos, de um total de 33, apenas seis (18,1%) foram hipersegmentados. Embora em termos absolutos esse número seja maior, em termos percentuais é bem menor do que o referente aos verbos.

Essa discrepante diferença percentual entre a quantidade de verbos hipersegmentados e das outras classes de palavras (dentre as quais se destaca o substantivo), encontrada nos resultados de ambos os sujeitos, permite indagar sobre quais aspectos linguísticos envolvidos na categoria “verbo” estariam, de alguma forma, contribuindo para que as crianças estabeleçam uma ruptura não convencional entre a letra “a” e o restante do verbo. Os limites desta pesquisa não permitiram encontrar respostas para essa questão.

Contexto 2: a letra “a” atuando como artigo no interior do sintagma nominal

Após a contagem de quantos sintagmas nominais nos quais se verifica a presença do artigo “a” existiam nas produções de ambos os sujeitos, chegamos ao seguinte resultado:

Gráfico 2. Resultado da quantidade de sintagmas nominais presentes nas produções dos dois sujeitos



No gráfico acima, nota-se que, nesse contexto, houve também muito mais acertos do que erros: de todas as ocorrências (120), apenas 22 (18,3%) foram hipossegmentadas. Dessas 22, 19 estavam nas produções do sujeito 4 e três nas do sujeito 22. Por apostarmos – como já comentamos – que essas ocorrências, aparentemente residuais, podem constituir preciosos indícios da relação sujeito/linguagem (ABAURRE; FIAD; MAYRINK-SABINSON, 2013) e, mais particularmente, do modo como as crianças aprendem a segmentar respeitando as normas ortográficas, mais adiante, levantamos hipóteses para a emergência de cada uma delas.

Uma comparação dos resultados acima com os que obtivemos a respeito da letra “a” em contexto de sílaba inicial de palavras permite averiguar que essa letra apareceu muito menos envolvida em casos de hipossegmentação do que de hipersegmentação (principalmente nos resultados do sujeito 22). Considerando os dados do sujeito 4, essa diferença foi de 22% (22 em termos absolutos) e, nos do sujeito 22, foi de 27,6% (16 em termos absolutos).

O interessante desses resultados é que eles contrariam uma tendência geral, apontada por vários trabalhos a respeito de segmentação não convencional⁷ e também corroborada por nós, em Capristano e Cangussú (2012) –, de que, quando em fase de aquisição da escrita, a criança tende a hipossegmentar muito mais do que hipersegmentar. Em outras palavras, parece que, diferentemente da tendência geral, quando a criança lida com a letra “a”, ela tende a hipersegmentar muito mais do que hipossegmentar, fato que denuncia a existência de fatores fortemente atuantes em favor da hiper.

Reiteramos, todavia, que a pouca quantidade de hipossegmentações *não anula* sua importância. Passemos, portanto, ao levantamento de hipóteses sobre essas ocorrências.

Ao considerar a possível influência do fator semântico na emergência das hipossegmentações do sujeito 04, chamou-nos a atenção o fato de a expressão “a gente” ter sido hipossegmentada todas as vezes (três vezes) em que ela apareceu nas produções desse sujeito. O sintagma “a gente” têm sido tema gerador de diversas discussões entre estudiosos. Tamanine (2002), ao abordar a alternância entre “nós” e “a gente”, afirma que todos os estudos sobre a temática defendem que a expressão “a gente” passou/ está passando por um processo de gramaticalização, pois ganhou características de pronome pessoal e “vem sendo usado no PB para representar a mesma função do pronome pessoal nós” (TAMANINE, 2002, p. 25). Assim, para a autora, tanto o sintagma “a gente” quanto a palavra “nós”, atualmente, possuem a mesma função e sentido. Contudo, enquanto “nós” é constituído por apenas uma palavra morfológica, em “a gente” temos duas (artigo + substantivo). Com vista a essas informações, levantamos a hipótese de que o fato de a criança ter hipossegmentado todas as vezes em que precisou escrever essa expressão teria sido motivado por essa carga semântica (de “nós”) embutida nessa expressão. Ou, dito de outra forma, é possível pensar que a criança entende o sintagma “a gente” como representando uma só coisa (nós) e, por isso, o hipossegmenta.

Quanto a esse caso, *não podemos* deixar de lembrar que outro fator semântico possivelmente determinante dessas ocorrências seria a de relação *homonímia com a palavra “agente”*. Embora também seja uma palavra relativamente usada, é inegável que ela é muito menos profícua em nossa língua do que “a gente” com valor equivalente ao

⁷ Dentre esses, conferir Cunha (2010) e Silva (1994).

do pronome pessoal “nós”. Por esse motivo, apesar de não negarmos a possibilidade de as hipossegmentações terem sido motivadas por essa relação homonímica, acreditamos que a carga semântica e morfológica de “a gente” é o fator mais fortemente atuante nesse tipo de ocorrência.

Ainda quanto à hipossegmentação de “a gente”, é interessante destacar que esse tipo de ocorrência *não parece ser uma regra geral, posto que o mesmo não aconteceu com os resultados do sujeito 22. Nas produções desse sujeito, também encontramos três ocorrências do sintagma “a gente”, todavia, nenhuma delas estava hipossegmentada. Essa diferença nos leva a supor que, apesar de o peso semântico da alternância “nós” e “a gente” e da relação homonímica de “agente” e “a gente” poderem ser fatores atuantes nesse tipo de hipossegmentação, nem todos os sujeitos parecem ser sensíveis a eles.*

Além desse fator semântico, outro que nos pareceu pertinente na determinação dessas junções foi o sintático. Como já mencionamos, o artigo definido é uma palavra gramatical e, por isso, não ganha significados se estiver sozinho na sentença. Desse modo, seu significado emana da relação que ele estabelece com o substantivo que determina (CÂMARA JR., 1970, p. 122). Nota-se daí que existe uma forte relação de interdependência sintática entre essas duas instâncias (artigo definido e substantivo/adjetivo). Atentos a isso, supomos que um dos motivos que determinariam a hipossegmentação seria essa relação. Ou seja, o fato de a criança juntar o artigo “a” com a palavra ao lado pode denunciar que essa relação de interdependência tenha sido mais saliente no momento em que a criança se confrontou com a necessidade de grafar o sintagma.

No que diz respeito ao aspecto fonológico, por fim, averiguamos se havia correspondência entre as hipossegmentações e os constituintes prosódicos propostos por Nespor e Vogel (1986). Para essas autoras, a dimensão prosódica da linguagem organiza-se hierarquicamente em sete constituintes: *sílaba* (σ), *pé* (Σ), *palavra fonológica* (ω), *grupo clítico* (C), *frase fonológica* (φ), *frase entonacional* (I) e *enunciado* (U). Para análise das hipossegmentações, observamos a atuação dos quatro últimos que, de forma bastante sucinta, podem ser definidos da seguinte forma.

O *grupo clítico* (C) é, como antecipado, uma “unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo” e constitui uma unidade prosódica que segue imediatamente a palavra fonológica. A *frase fonológica* (φ) é um constituinte formado por um cabeça lexical (nome, verbo ou advérbio) que pode incorporar outra palavra fonológica ou grupo clítico no seu lado não recursivo. Para a definição de φ são necessárias, além de informações fonológicas, informações sintáticas. A *frase entonacional* (I) pode ser formada por um conjunto de frases fonológicas ou por uma frase fonológica apenas, desde que esta possua uma linha entonacional. “As fronteiras finais das *Is são, geralmente, lugares* em que se podem introduzir pausas” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 218). O *enunciado fonológico* (U), por fim, é o constituinte mais alto da hierarquia prosódica e pode ser identificado através dos limites sintáticos e de pausa.

Fundados na proposta de Nespor e Vogel (1986), fizemos uma análise prosódica das hipossegmentações no contexto em que elas apareciam. No quadro abaixo, apresentamos uma síntese dessa análise – os colchetes indicam as fronteiras prosódicas consideradas:

Quadro 5. Análise prosódica das hipossegmentações do sujeito 04 e 05

	Hipossegmentações
Sujeito 04	E derrubou [[acasa]C [de palha]C] \varnothing
	[[E amãe]C [do chapelzinho]C [vermelho]C] \varnothing
	Tinha [[aentrada]C [da mata]C] \varnothing
	E a vovozinha abriu [[aporta]C] \varnothing
	E o caçador catou [[abarriga]C [do lobo] C] \varnothing
	Você não pode deixar [agente]C] \varnothing sem água
	...você pergunta para [apessoas]C] \varnothing
	...para você fazer atividade [[com agente]C] \varnothing
	[[agente]C] \varnothing escreve fala sobre o jornal
	[[arua]C] \varnothing estava cheia de possa de água
	Eu teria que falar com letras [[com amão]C] \varnothing
	Ele teve problemas [[com avoz]C] \varnothing
	Ai [[atangerina]C] \varnothing caiu
	...falaram que ia bater neles [[asemana]C inteira]] \varnothing
	[[Ea Maria]C [Clara]C] \varnothing pega a fita
	[Ea Maria]C [Clara]C] \varnothing casa com Hugo
	[Ea Jaqueline]C [Joy]C] \varnothing casa com Vladimir
	Aí [[agente]C] \varnothing foi brincar lá na rua
Sujeito 22	[Aminha ⁸ vó \varnothing] também pode mandar você ir
	[[Abruxa]] \varnothing vê um elefante
	E um dia aconteceu [[uma/ atragédia] ⁹]C] \varnothing

Em virtude dos limites deste artigo, não será possível dar detalhes da análise prosódica sintetizada no quadro acima. Para o que nos interessa aqui, essa síntese permite verificar, por um lado, que especialmente as fronteiras de grupos clíticos (C) e de frases fonológicas (\varnothing) compostas por apenas um grupo clítico são sim fatores fortemente atuantes nas hipossegmentação envolvendo a letra “a”, uma vez que, na maioria delas, as fronteiras gráficas estabelecidas pelas crianças corresponderam às fronteiras prosódicas desses constituintes. Por outro lado, constituintes como a frase entonacional e o enunciado fonológico pareceram não ter nenhum papel nessas hipossegmentações.

⁸ Diferente dos demais dados identificados em nosso corpus, aqui, a hipossegmentação ocorre entre dois determinantes presentes no sintagma nominal “a minha vó”. Apesar dessa diferença, decidimos incluir esse dado na análise, uma vez que ainda estamos no âmbito do sintagma nominal.

⁹ Essa ocorrência chamou atenção pela oscilação peculiar que o escrevente faz entre os artigos definidos e indefinidos, oscilação marcada pela existência de uma rasura no local indicado pelo símbolo “/”, no quadro acima. Uma análise mais detalhada, buscando explicar porque o escrevente une “a tragédia”, mas não une “uma tragédia”, deveria considerar a diferença entre o estatuto fonológico, semântico e morfológico dos artigos “a” e “uma”. Tendo em vista que essa análise fugiria do escopo deste trabalho, decidimos considerar apenas a ocorrência final, hipossegmentada: “a tragédia”.

Considerações finais

Com base nas discussões apresentadas, concluímos, com relação ao primeiro objetivo, que a emergência de segmentações não convencionais envolvendo a letra “a” – tanto hipossegmentações quanto hipersegmentações – é provocada por um entrelaçamento de fatores. Ou seja, a análise permitiu observar que fatores sintáticos, semânticos, morfológicos e fonológicos atuam conjuntamente para o aparecimento dessas segmentações. A atuação conjunta não significa, porém, paridade. Como vimos, em geral, em cada ocorrência, um ou outro fator pode ter uma atuação mais visível.

Com relação ao nosso objetivo secundário, pudemos averiguar que o modo como as duas crianças cujos dados foram examinados lidam com a delimitação da letra “a” é semelhante, embora tenhamos identificado algumas diferenças qualitativas e quantitativas. Essas diferenças e semelhanças, muito provavelmente, são fruto das semelhanças e diferenças na circulação dessas crianças por práticas sociais orais e letradas de uso da linguagem. É por estarem, desde bem pequenas, imersas nessas práticas que essas crianças tornam-se sensíveis para – ou, ainda, são afetadas pelos – fatores que acarretam o aparecimento das segmentações não convencionais.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. *Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto*. 2. ed. Campinas: Mercado de letras, 2013. 195 p.
- ALENCAR, P. V. *Direcionalidade da aquisição do artigo definido frente a N próprio em contexto de input variável*. 2006. 166f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, v. 40, n. 3, p. 163-184, 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/13700>>. Acesso em: 2 out. 2014.
- CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.
- CAPRISTANO, C. C.; CANGUSSÚ, T. A. *Regularidades e tendências em segmentações não convencionais infantis: um olhar longitudinal*. 2012. 49f. Relatório de iniciação científica (Iniciação científica em Letras) – Pró-Reitoria de Pesquisa, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.
- CHACON, L. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, n. 4, 2005. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/1-convidado-lourenco.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2014.
- CUNHA, A. P. A. *As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu*. 2010. 190f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.
- KELLER, T. *Um estudo experimental do acento secundário no português brasileiro*. 2004. 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology: with a new foreword*. Berlin: Mouton, 1986.

PEPERKAMP, S. On the prosodic representation of clitics. In: KLEINHENZ, U. *Interfaces in phonology*. Berlin: Akademie Verlag, 1996. p. 102-127.

SILVA, A. *Alfabetização: a escrita espontânea*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994. 100p.

TAMANINE, A. M. B. *A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina*. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

TONELI, P. M. *A palavra prosódica no português brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais*. 2009. 164f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.